
Da Amnésia à Anamnese

altares da memória no Rio São Francisco

Segundo os romanos: “*Acqua e condunt urbes*”, ou seja, as águas fundam cidades. Em relação ao Rio São Francisco, desde a época colonial até os dias atuais, sua perenidade em plena região semiárida determina um fator privilegiado para atrair populações e consolidar cidades.

Após 1970, porém, as águas do São Francisco, ao invés de *fundarem* cidades, *afundaram* as mesmas devido à construção de usinas hidrelétricas e respectivos represamentos. Com o objetivo de expandir a oferta energética na região e promover o desenvolvimento econômico-social de áreas vulneráveis no Nordeste, tais infraestruturas acabaram por inundar inúmeros assentamentos às margens do Velho Chico.

Com isso, milhares de famílias foram compulsoriamente transferidas para cidades novas de realocação ou “cidades barrageiras”. Tais cidades têm em comum o fato de sua antiga sede ter sido submersa e, com ela, toda uma cultura e memória construída ao longo do tempo por seus habitantes.

No presente Trabalho de Conclusão de Curso são analisadas três “cidades barrageiras” – Petrolândia (PE), Itacuruba (PE) e Rodelas (BA) – afetadas, particularmente, pela construção da usina hidrelétrica de Itaparica, ao longo do Rio São Francisco.

A partir do estudo e levantamento de arquivos histórico-documentais, bibliográficos, audiovisuais, iconográficos e, principalmente, do contato direto com personagens locais em visita *in loco* (2022), foram recuperados estratos memoriais, culturais e materiais (sobrevivências) das antigas sedes submersas que persistem - seja no imaginário dos mo-

radores das novas cidades construídas, ou ao longo da calha do Rio.

O objetivo do projeto “Da Amnésia à Anamnese” é, assim, realizar intervenções simbólicas que possibilitem uma espécie de resgate por parte da população de tais reminiscências materiais e imateriais. Dessa forma, foi criada uma constelação projetual, cujo propósito é subverter a progressão linear temporal dos acontecimentos, de forma a avivar, no presente, possíveis progressões memoriais, consolidadas, reproduzidas e reforçadas através de diferentes circuitos.

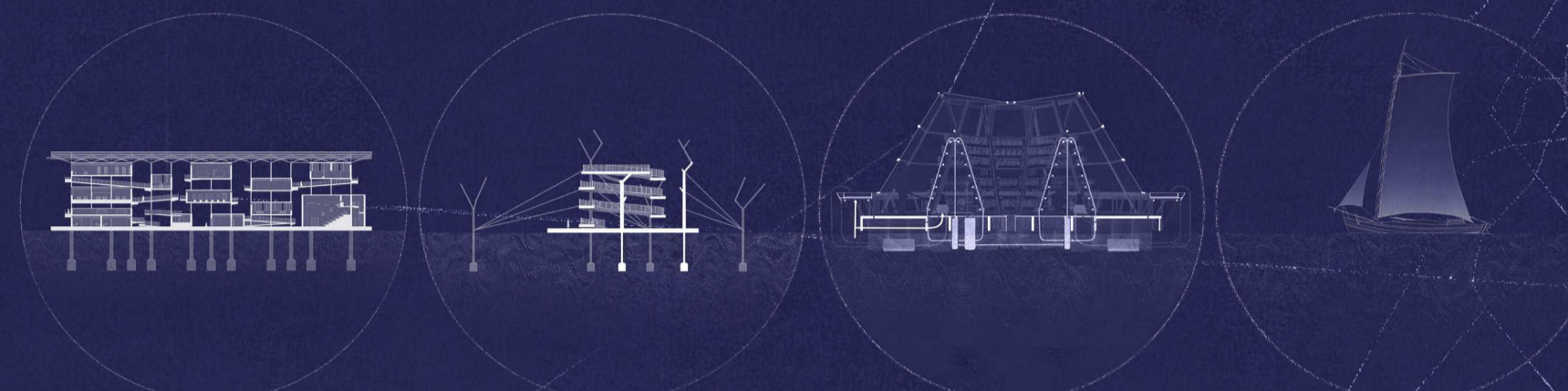
A intervenção realizada também pode ser contada a partir da epígrafe de Santo Agostinho (354 – 430), onde:

“[...] o futuro e o passado não existem, e que não é exato falar de três tempos: passado, presente e futuro. Seria talvez mais justo dizer que os tempos são três, isto é, o presente dos fatos passados, o presente dos fatos presentes, o presente dos fatos futuros. [...] O presente do passado é a memória. O presente do presente é a visão. O presente do futuro é a espera.”

O Trabalho de Conclusão de Curso busca, então, consolidar e interligar essas temporalidades: a memória (o presente do passado) é representada pelo projeto de *museus*, a visão (o presente do presente), pelo projeto de *mirantes* e, a espera (o presente do futuro), pelo projeto de *galerias flutuantes*. Os *saveiros* propostos, por sua vez, realizariam os curto-circuitos, funcionando como uma espécie de sinapse, ou seja, como componente de comunicação, condução e ligação entre elementos.

Da Amnésia à Anamnesis

altares da memória no Rio São Francisco



corte museu
escala 1: 1750

corte mirante
escala 1: 650

corte galeria
escala 1: 180

vista saveiro
escala 1: 650

Segundo os romanos: "Acqua e condunt urbes", ou seja, as águas fundam cidades. Em relação ao Rio São Francisco, desde a época colonial até os dias atuais, sua perenidade em plena região semiárida determina um fator privilegiado para atrair populações e consolidar cidades. Após 1970, porém, as águas do São Francisco, ao invés de fundarem cidades, afundaram as mesmas devido à construção de usinas hidrelétricas e respectivos represamentos. Com o objetivo de expandir a oferta energética na região e promover o desenvolvimento econômico-social de áreas vulneráveis no Nordeste, tais infraestruturas acabaram por inundar inúmeros assentamentos às margens do Velho Chico.

Com isso, milhares de famílias foram compulsoriamente transferidas para cidades novas de realocação ou "cidades barrageiras". Tais cidades têm em comum o fato de sua antiga sede ter sido submersa e, com ela, toda uma cultura e memória construída ao longo do tempo por seus habitantes. No presente Trabalho de Conclusão de Curso são analisadas três "cidades barrageiras" – Petrolândia (PE), Itacuruba (PE) e Rodelas (BA) – afetadas, particularmente, pela construção da usina hidrelétrica de Itaparica, ao longo do Rio São Francisco.

A partir do estudo e levantamento de arquivos histórico-documentais, bibliográficos, audiovisuais, iconográficos e, principalmente, do contato direto com personagens locais em visita in loco (2022), foram recuperados estratos memoriais, culturais e materiais (sobrevivências) das antigas sedes submersas que persistem - seja no imaginário dos moradores das novas cidades construídas, ou ao longo da calha do Rio.

O objetivo do projeto "Da Amnésia à Anamnesis" é, assim, realizar intervenções simbólicas que possibilitem uma espécie de resgate por parte da população de tais reminiscências materiais e imateriais. Dessa forma, foi criada uma constelação projetual, cujo propósito é subverter a progressão linear temporal dos acontecimentos, de forma a avivar, no presente, possíveis progressões memoriais, consolidadas, reproduzidas e reforçadas através de diferentes circuitos.

A intervenção realizada também pode ser contada a partir da epígrafe de Santo Agostinho (354 – 430), onde:

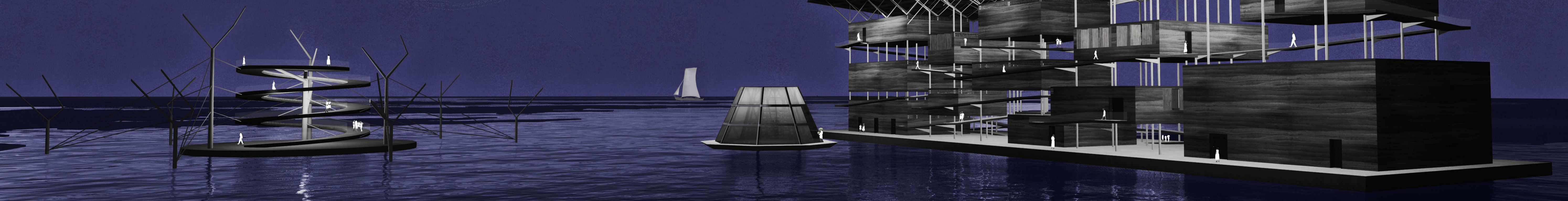
"[...] o futuro e o passado não existem, e que não é exato falar de três tempos: passado, presente e futuro. Seria talvez mais justo dizer que os tempos são três, isto é, o presente dos fatos passados, o presente dos fatos presentes, o presente dos fatos futuros. [...] O presente do passado é a memória. O presente do presente é a visão. O presente do futuro é a espera."

O projeto busca, então, consolidar e interligar essas temporalidades: a memória (o presente do passado) é representada pelos museus, a visão (o presente do presente), pelos mirantes e, a espera (o presente do futuro), pelas galerias. Os saveiros, por sua vez, realizariam os curto-circuitos, funcionando como uma espécie de sinapse, ou seja, como componente de comunicação, condução e ligação entre elementos.



- cidades novas barrageiras
- antigas cidades inundadas
- sobrevivências das antigas cidades
 - 1 caixa d'água da antiga cidade de Rodelas
 - 2 Observatório CEA (Centro de Estudos Astronômicos)
 - 3 Observatório Astronômico do Sertão de Itaparica (OASI)
 - 4 Igreja Sagrado Coração de Jesus
 - 5 Estrada, ainda pavimentada, que dava acesso à antiga Petrolândia
- museu + galeria
- mirante

escala 1:1700



O Rio

O caudaloso rio São Francisco, considerado como "o rio da integração nacional", possui aproximadamente 2.863 quilômetros de extensão e atravessa 503 municípios, cuja bacia hidrográfica perpassa sete unidades federativas: Minas Gerais, Goiás, Distrito Federal, Bahia, Pernambuco, Alagoas e Sergipe. Devido a sua extensão, sua bacia é subdividida em quatro regiões fisiográficas: o Alto São Francisco, o Médio São Francisco, o Submédio São Francisco e o Baixo São Francisco. A presente pesquisa se concentra na área que distende do leste do Submédio até a região à oeste do Baixo do São Francisco.

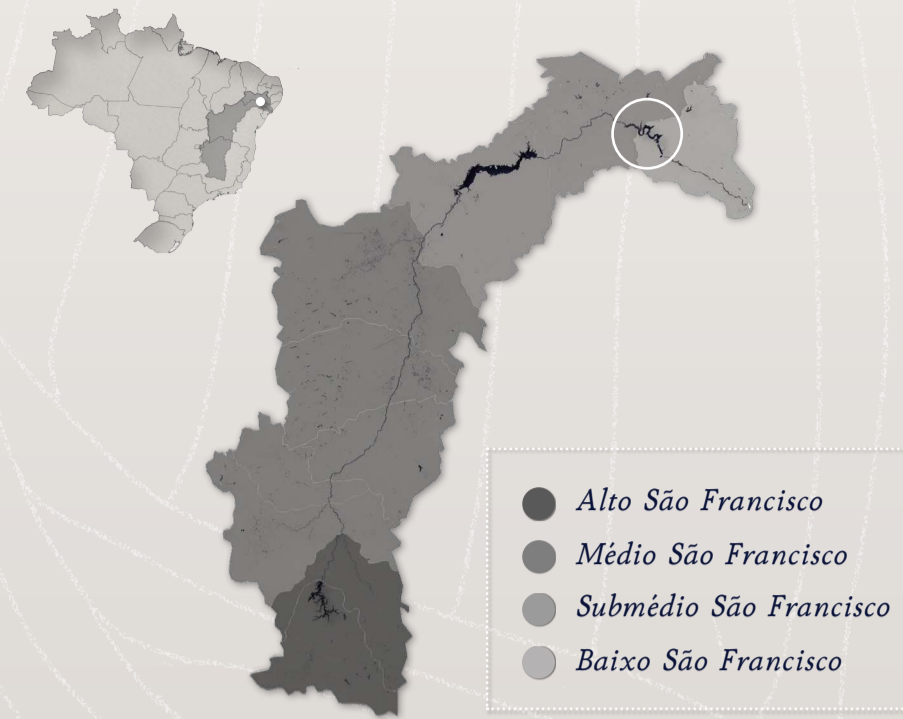
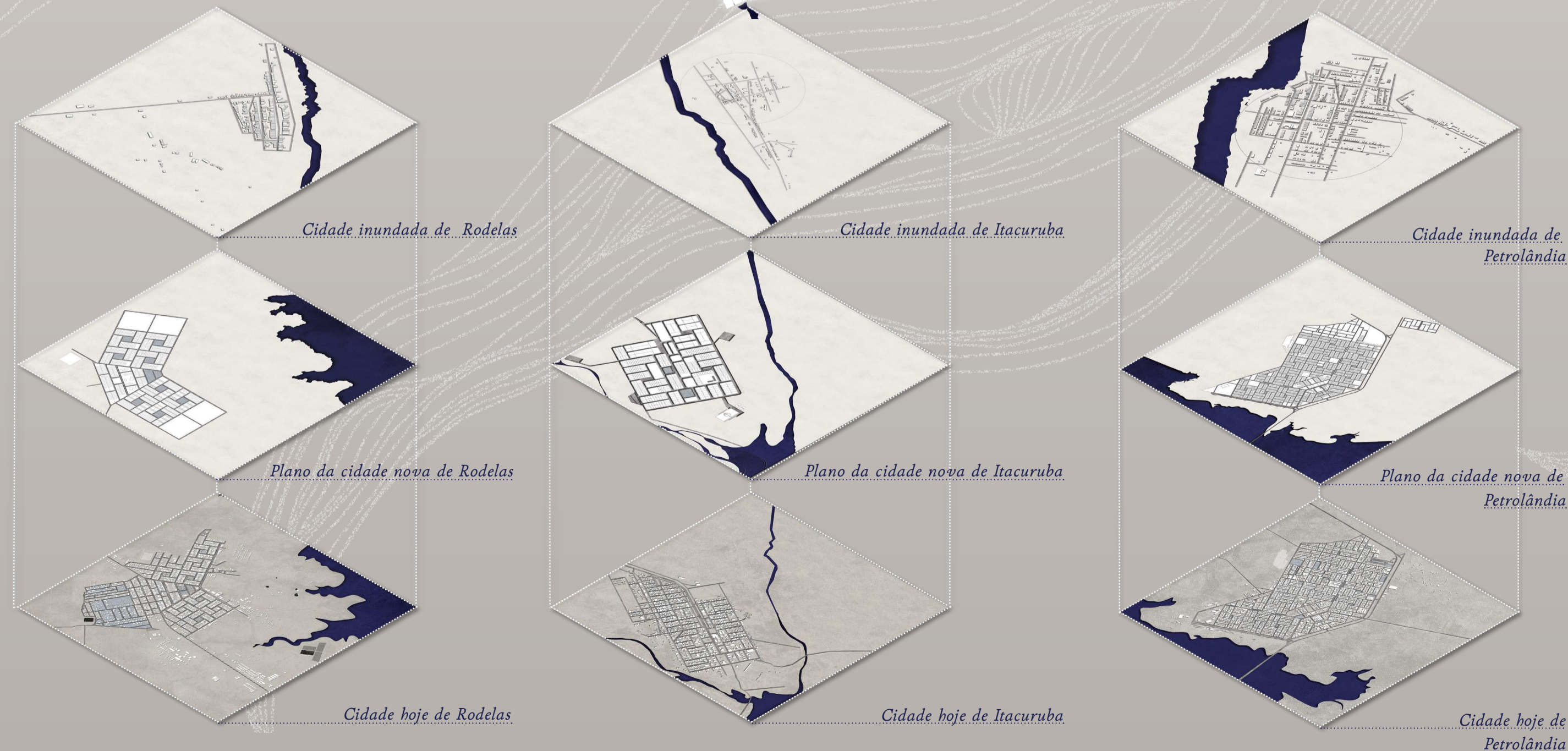
Desde o período colonial até a contemporaneidade, a perenidade do Rio São Francisco em plena região semiárida demarca um motivo primordial para atrair comunidades e consolidar cidades. Após 1970, porém, as águas do São Francisco, ao contrário de fundarem cidades, afundaram as mesmas pela construção de usinas hidrelétricas e respectivos represamentos. Com o objetivo de expandir a oferta energética na região e promover o desenvolvimento econômico-social de áreas vulneráveis no Nordeste, tais infraestruturas acabaram por inundar inúmeros assentamentos às margens do Velho Chico. Com isso, centenas de famílias foram compulsoriamente transferidas para novas cidades, as "cidades barrageiras".

A Barragem de Itaparica

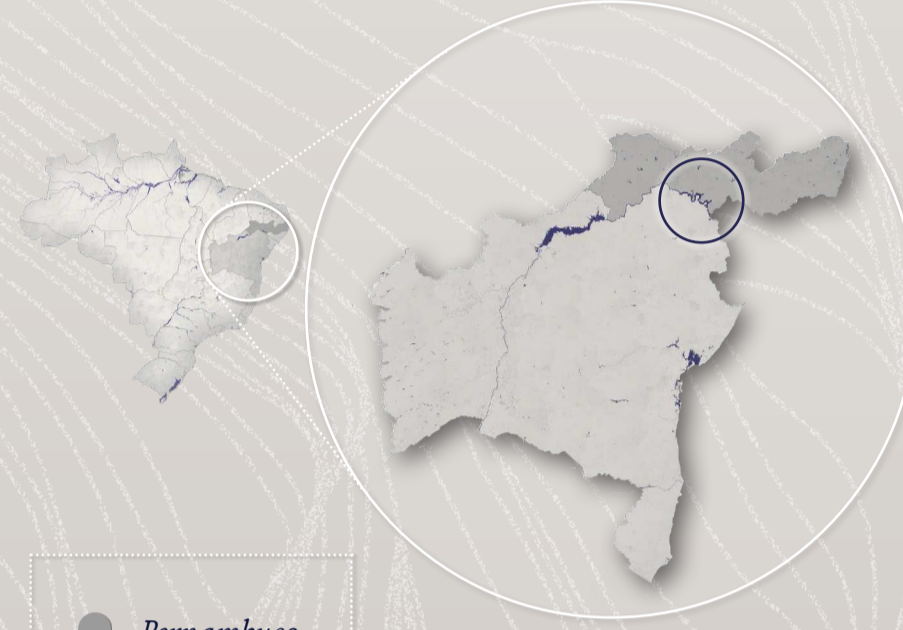
A área de intervenção do presente trabalho inclui as cidades novas construídas em decorrência da construção da hidrelétrica de Itaparica ao longo do Submédio do Rio São Francisco. A construção da barragem de Itaparica pela CHESF, teve origem em 1979 e término em 1988, ano em que se deu o início do funcionamento da usina. A região inundada pela hidrelétrica formou o lago Itaparica e se estende por 150 km, cobrindo uma superfície de 83.400 hectares dos estados da Bahia e de Pernambuco. A construção da barragem de Itaparica inundou os municípios, na Bahia, de Glória, Abacaré, Mucururê, Chorrochó e Rodelas; além dos municípios, em Pernambuco, de Floresta, Belém do São Francisco, Petrolândia e Itacuruba. A fim de realocar a população dessas áreas atingidas, foram criados planos urbanos. Dentre eles, serão abordados os planos das cidades que foram totalmente alagados e construídos em outra localidade, incluindo: Petrolândia e Itacuruba (em Pernambuco) assim como Rodelas (na Bahia).



As Cidades



Bacia Hidrográfica do Rio São Francisco



● Pernambuco
○ Bahia

As Sobrevivências

Quando foram abertas as comportas da Barragem de Itaparica, em 1988, foram inundadas completamente as antigas cidades. Diante desse cenário, ocorreu a transferência da população das antigas para as novas cidades. Logo antes de serem alagadas, porém, as cidades originais foram destruídas, quebradas e destroçadas aos olhos da população. (O que pode ser observado nas duas figuras à direita, relativas à velha cidade de Itacuruba) De repente, tirou-se o chão daqueles moradores, antes amparados por identidades de raízes profundas, cravejadas naqueles solos ribeirinhos - desenvolvidas de geração em geração. Dessa forma, ao serem arrancados de suas terras, os moradores se viram obrigados a enterrar, na antiga região, grande parte de suas raízes e memórias. Suas vidas, que antes corriam por caminhos conhecidos - feito o Velho Chico que fluía continuamente protegido pelo seu leito (FIGUEIREDO, 2011) -, passaram a seguir um outro tempo: um tempo em suspensão que conduzia pessoas também suspensas, exiladas e sem raízes.

A fim de estabelecer um paralelo entre o passado e o presente, a memória e o apagamento, a ruína e a construção, o estudo abordou as três cidades barrageiras a partir de três camadas, ou temporalidades, principais: as cidades originais, antes de serem inundadas (um começo), o plano das cidades (um recomeço) e, por fim, as cidades atualmente - que compõem uma espécie de palimpsesto. A ideia de que a cidade pode ser vista como uma espécie de palimpsesto foi relatada inicialmente por M.R.G. Conzen, em 1962. O autor defende que o desenvolvimento e a formação da cidade ocorreriam de maneira análoga ao processo de sobreposição de camadas, dispostas em um mesmo plano (no caso, terreno), encontradas no palimpsesto.

Ao analisar tais camadas latentes e sobrepostas na região, pretende-se clarear "estratos de tempo coexistentes, em busca de vestígios, reminiscências, restos, para remontá-los e, assim, criar um outro passado" (JACQUES, 2018, p. 25). A fim de se recuperar, quem sabe, "um outro passado", a pesquisa procurará por tais reminiscências (ou anamnesis) - seja na forma de ruínas (que serão a base do projeto em questão), apropriações espaciais, memórias sociais, arquétipos ou, ainda, através de simbolismos coletivos -, que sobreviveram como potências adormecidas, interrompidas por um passado submerso e amnésico.

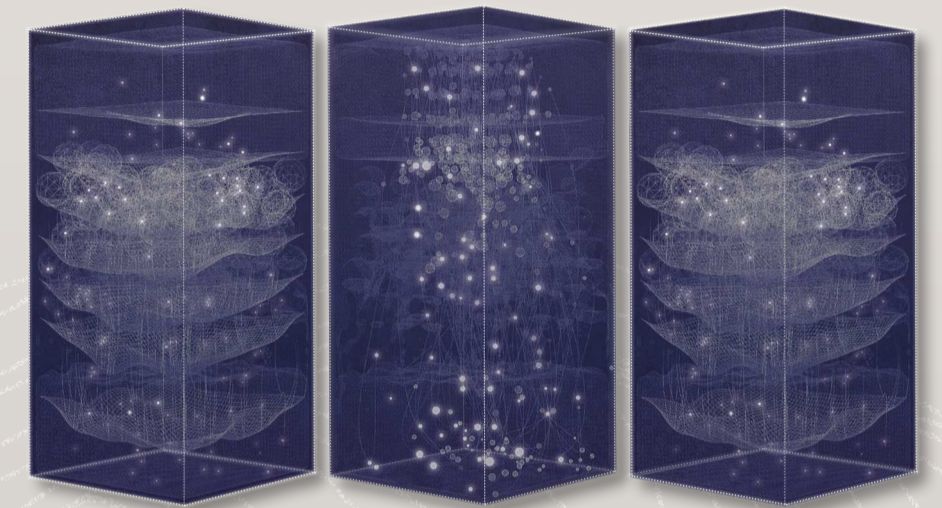
Serão ressaltados nessas pranchas, para além das sobrevivências míticas e arquetípicas (explicitadas no TCC), resquícios materiais de tais cidades, que persistem, seja ao longo do rio, demarcando onde um dia fora a cidade, ou mesmo, nas terras do sertão nordestino, remetendo, de forma indireta (ou direta), à antiga cidade.

Para ilustrar essa ideia, fo(ram)i separadas uma (ou duas) sobrevivência(s) para cada cidade. Dentre essas, três são ruínas, mapeadas (na página seguinte) em referência às suas respectivas cidades velhas: a caixa d'água de Rodelas, uma estrada pavimentada remanescente da antiga Petrolândia e a Igreja Sagrado Coração de Jesus, localizada na antiga Barreiras, município da antiga Petrolândia.



fonte: FIGUEIREDO (2011)

fonte: FIGUEIREDO (2011)



*FIGUEIREDO, M. S. Exílio: Pertencimentos e reconhecimentos em populações deslocadas - o caso Itacuruba. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Antropologia, UFPE, Recife, 2011.

*JACQUES, Paola Berenstein. Montagem de uma outra herança: urbanismo, memória e alteridade. Tese acadêmica (Defesa para Professor Titular). Salvador: FAUFBA, 2018.

sobrevivências de Petrolândia

A primeira ruína abordada será a Igreja Sagrado Coração de Jesus. Antigamente, na velha Petrolândia existiam duas igrejas: a igreja matriz (hoje submersa, a aproximadamente 20 metros da superfície) - cujas ruínas foram identificadas em 2017 - e a Igreja do Sagrado Coração de Jesus (ainda de pé e parcialmente submersa, a praticamente 10 metros de profundidade): resistente, a 33 anos, ao alagamento provocado pela construção da barragem de Itaparica. Como foi visto, antes da abertura das comportas e da consequente inundação das cidades, todos edifícios eram destruídos, demolidos e quebrados, com uma ressalva: as igrejas, as quais eram mantidas por motivos religiosos.

As igrejas, aquelas que ainda não foram corroídas pela ação da água e do tempo, em consequência da estiagem característica na região - emergem das águas como figuras de um antepassado longínquo e desolado - sobrevivem, marcando um passado que fora arruinado. É o caso da Igreja do Sagrado Coração de Jesus, de tijolo e cimento aparente que, devido à sua exuberância e imponência, fez com que a velha Petrolândia fosse denominada de "Atlântida Brasileira". A mesma, mais afastada do centro, consistia na Igreja da área rural do município, região alcunhada de Barreiras.

Por outro lado, a rodovia - ainda pavimentada e intacta - que dava acesso direto à Antiga Petrolândia, pode remeter àquilo que parte de um lugar rumo a lugar nenhum. Esse não-lugar (o destino da rodovia) é configurado por um passado arruinado, alagado e perdido. O terreno em que se encontra tal estrada pode ser acessado partindo da Nova Petrolândia e seguindo pela BR-110, por cerca de 17 km, até o sítio conhecido como Brejinho de Fora. Na via principal dessa vila rural, logo se avista um portão já numa estrada de terra, que vai em direção ao ponto que se chama Serrote do Padre. No meio dessa trilha, podemos reconhecer a rodovia - circundada por cactos e pela caatinga - rente ao rio Velho Chico, cobrindo o que antes era a velha cidade.

sobrevivência de Rodelas

A caixa d'água, visível pelos habitantes da cidade nova de Rodelas, resguarda um paradoxo: o de resistir ao represamento da água ao mesmo tempo em que ela mesma é um equipamento (em uma escala muito menor) de retenção água; porém, no caso, remete às águas de um passado, o da cidade antiga. É como se sobrevivesse, nesse micro conteúdo, uma memória que resiste e espacializa esse passado.

sobrevivências de Itacuruba

Por último, quanto a Itacuruba, não foram mapeadas sobrevivências de sua antiga cidade, mas duas novas construções vizinhas, sendo uma delas inacabada: o Observatório do CEA (Centro de Estudos Astronômicos) - obra incompleta que conforma uma espécie de mirante para uma grande extensão do Rio São Francisco (incluindo o local em que a velha cidade de Itacuruba fora submersa) - e o Observatório Astronômico do Sertão de Itaparica (OASI), obra finalizada que dispõe de um telescópio robótico cuja função é rastrear, monitorar e pesquisar asteroides de órbitas próximas à Terra.

Ambas construções foram instaladas a sete quilômetros da nova cidade de Itacuruba, ficando entre a nova cidade (ao Norte do observatório) e, mais próximo ainda, do local em que costumava ser a velha cidade (a cerca de 3,5 km). O OASI, é integrante do projeto IMPACTON (Iniciativa de Mapeamento e Pesquisa de Asteroides nas Cercanias da Terra no Observatório Nacional). Sua operação teve início em 2011 e, no dia 13 de abril de 2017, foi anunciado que o asteroide do cinturão principal 20468, descoberto em 1981 (que, por coincidência, foi o ano de concepção do novo plano urbano de Itacuruba), iria ser denominado de "Itacuruba" em homenagem a própria cidade.

Os Observatórios, por mais que sejam bem próximos da antiga cidade de Itacuruba, possivelmente não se encaixam na estrita denominação de sobrevivência em si, visto que são locais construídos posteriormente e de onde, como sua própria denominação sugere, podemos observar fenômenos e elementos. Todavia, os observatórios proporcionam a visibilidade de dimensões e corpos ainda pouco explorados, através dos quais, quem sabe, o brilho sobrevivente das cidades inundadas, talvez, ainda não possa atravessar? Os Observatórios possibilitam, assim, que a cidade de Itacuruba possa sobreviver em outras materialidades, nem que essas sejam asteroides longínquos ou constelações invisíveis.



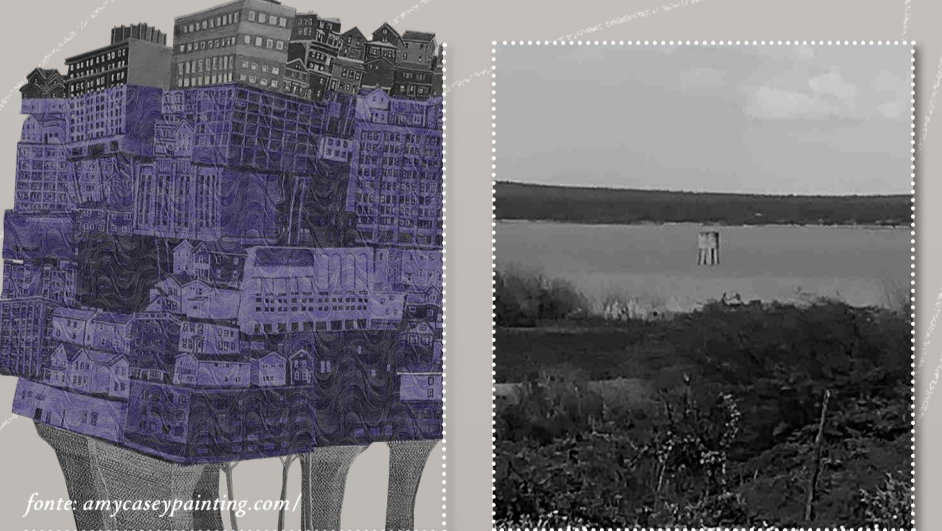
fonte: assisramalho.com.br/

Igreja do Sagrado Coração de Jesus



fonte: amycaseypainting.com/

Estrada que dava acesso à antiga Petrolândia



fonte: amycaseypainting.com/

Caixa d'água da antiga Rodelas



Observatório do CEA

OASI

● **Eletricidade Hidráulica** ● **Eletricidade Celular** ● **Memória** ● **Esquecimento** ●

No Brasil, cerca de 70% da produção de energia é proveniente de hidrelétricas. Isso envolve a construção de barragens para represar águas que, ao passarem por turbinas conectadas a geradores, geram eletricidade. A energia, por sua vez, é transmitida por linhas de transmissão de alta voltagem em direção às subestações, onde é transformada e distribuída. Assim como as linhas de transmissão transportam energia elétrica, os neurônios são células que conduzem impulsos nervosos, permitindo a passagem de correntes elétricas. Tais impulsos nervosos possibilitam a transferência de informações entre neurônios, músculos e glândulas. As sinapses, por sua parte, compreendem as conexões onde a transmissão de informações ocorre, utilizando neurotransmissores como mensageiros químicos. Por fim, os neurônios, elementos de transmissão, são compostos por dendritos para receber os estímulos, axônios para transmitir os impulsos nervosos e corpos celulares com organelas e um núcleo. Dessa forma, toda essa eletricidade (presente tanto nas conexões cerebrais quanto nas linhas de transmissão construídas) será o ponto de partida para a compreensão da base de tais processos de recordação e apagamento, incluindo as lembranças que ainda existem, mas ainda não estão claras pois, tal como as águas, foram reprimidas.

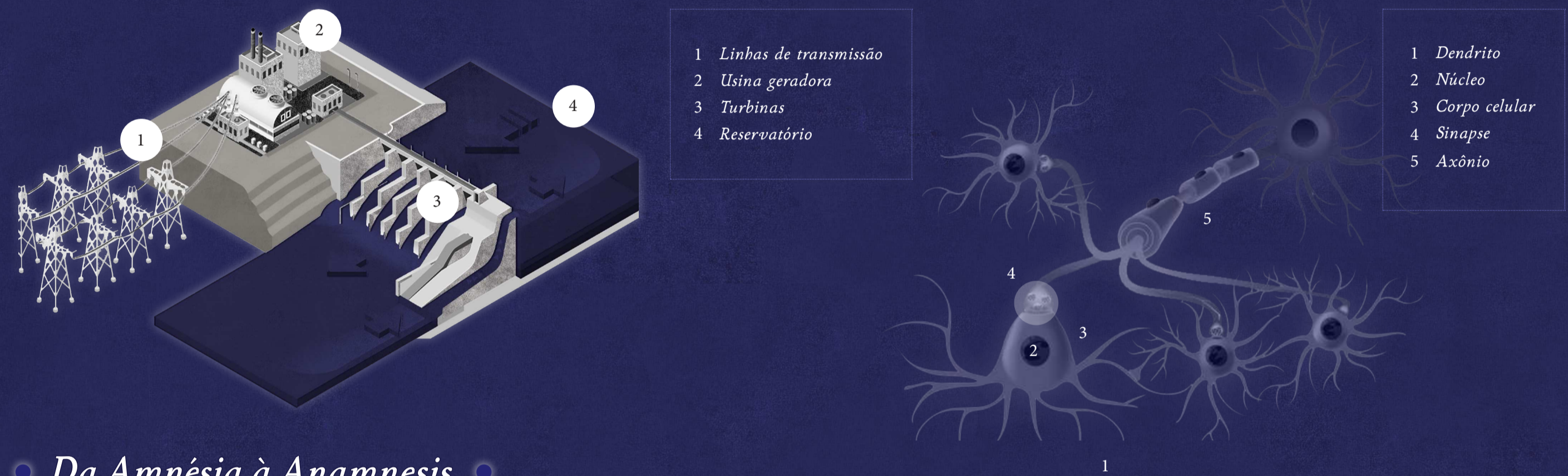
O cérebro humano possui bilhões de neurônios e as conexões (sinapses) entre os mesmos podem dar origem a memórias. As memórias não são estáticas, discerníveis. Estão inseridas em circuitos maleáveis, abarcando infindáveis conexões. São como caminhos que vão sendo reforçados, moldados, apagados e reconstruídos por nossa mente e pelo tempo. O esquecimento, portanto, é formado como consequência da inutilização ou sumiço das sinapses.

Certamente há, em nossa mente, muito mais esquecimento do que memória, de forma que, se pudéssemos recordar com precisão exata cada dia de nossas vidas, o armazenamento e processamento contínuo de tantas informações não possibilitaria determo-nos por um momento sequer em uma memória específica. Podemos concluir, então, que é necessária uma boa dose de esquecimento para podermos, de fato, ter o espaço e tempo para recordar, racionalizar e pensar. Nosso cérebro exerceu uma espécie de arte quando possibilitou o esquecimento de tantas memórias (IZQUIERDO, 2010). As próprias memórias estão imbuídas de esquecimento, sendo o nosso arquivo memorial fundado muito mais por fragmentos, memórias extintas ou quase extintas, do que de memórias reais e completas. Isto porque o ato de recordar é caracterizado por ocorrer, principalmente, de forma obliqua: conformando, assim, uma maioria de memórias semicultas, que constituem a porção inconsciente ou implícita de nossas recordações.

No caso das cidades abordadas, anterior ao processo de construção de novas memórias (nas novas cidades), foram destruídas, materialmente, as memórias antigas das populações atingidas. Demoliram referências fundamentais das memórias de longa duração de grande parte das populações, gerando um esquecimento progressivo, destruidor e traumático. Perante o sofrimento brutal - que foi a dor coletiva da remoção compulsória de suas casas - os indivíduos tendem a apagar as suas memórias mais doloridas, deixando-as num estado latente e amnésico: de repressão e submersão, no inconsciente.

Tendo em vista que esse evento não é reversível, ou seja, que a cidade foi destruída, está submersa e permanecerá em ruínas, o presente trabalho busca, inicialmente, iluminar lembranças submersas que foram sendo progressivamente apagadas e reprimidas, de forma a dar à memória uma materialidade, resignificando-a, na tentativa de facilitar uma possível convivência da população com essa memória.

*IZQUIERDO, Ivan. A arte de esquecer: cérebro e memória. 3.ed. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2010.



● **Da Amnésia à Anamnesis** ●

Agora está claro e evidente para mim que o futuro e o passado não existem, e que não é exato falar de três tempos: passado, presente e futuro. Seria talvez mais justo dizer que os tempos são três, isto é, o presente dos fatos passados, o presente dos fatos presentes, o presente dos fatos futuros. [...] O presente do passado é a memória. O presente do presente é a visão. O presente do futuro é a espera (AGOSTINHO, 2009, p. 342-345, grifo nosso).

A epígrafe de Santo Agostinho (354 - 430) é um resumo do projeto; sendo a memória (o presente do passado) é representada pelo projeto de museus, a visão (o presente do presente), pelo projeto de mirantes e, a espera (o presente do futuro), pelo projeto de galerias flutuantes. Os savírios propostos, por sua vez, realizariam os curto-circuitos, funcionando como uma espécie de sinapse, ou seja, um componente de comunicação, condução e ligação entre os elementos.

Por mais que o projeto "da Amnésia à Anamnesis" apresente cada temporalidade separadamente, a proposta da intervenção é, justamente, subverter a progressão linear temporal de forma a avivar possíveis progressões memoriais, consolidadas, reproduzidas e reforçadas através de circuitos - percorridos pelas embarcações.

*AGOSTINHO, Santo. De Civitate Dei, XII, XII. Apud LE GOFF, Jacques. História e Memória. Tradução por Bernardo Leitão et al. 5ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003. 544p.

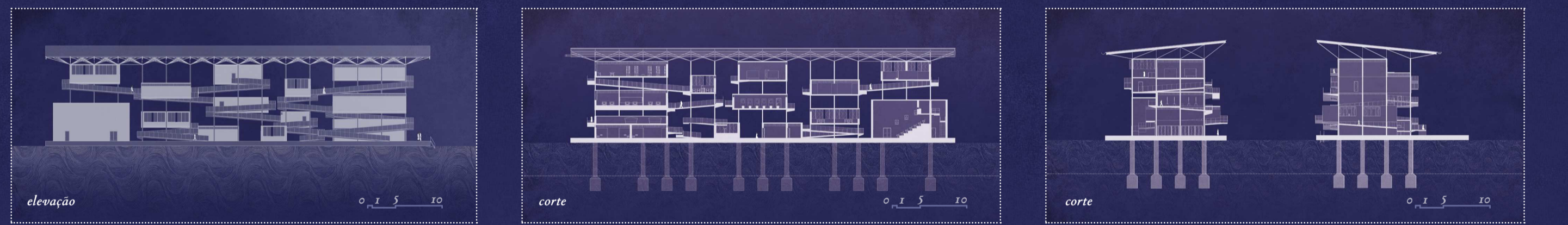
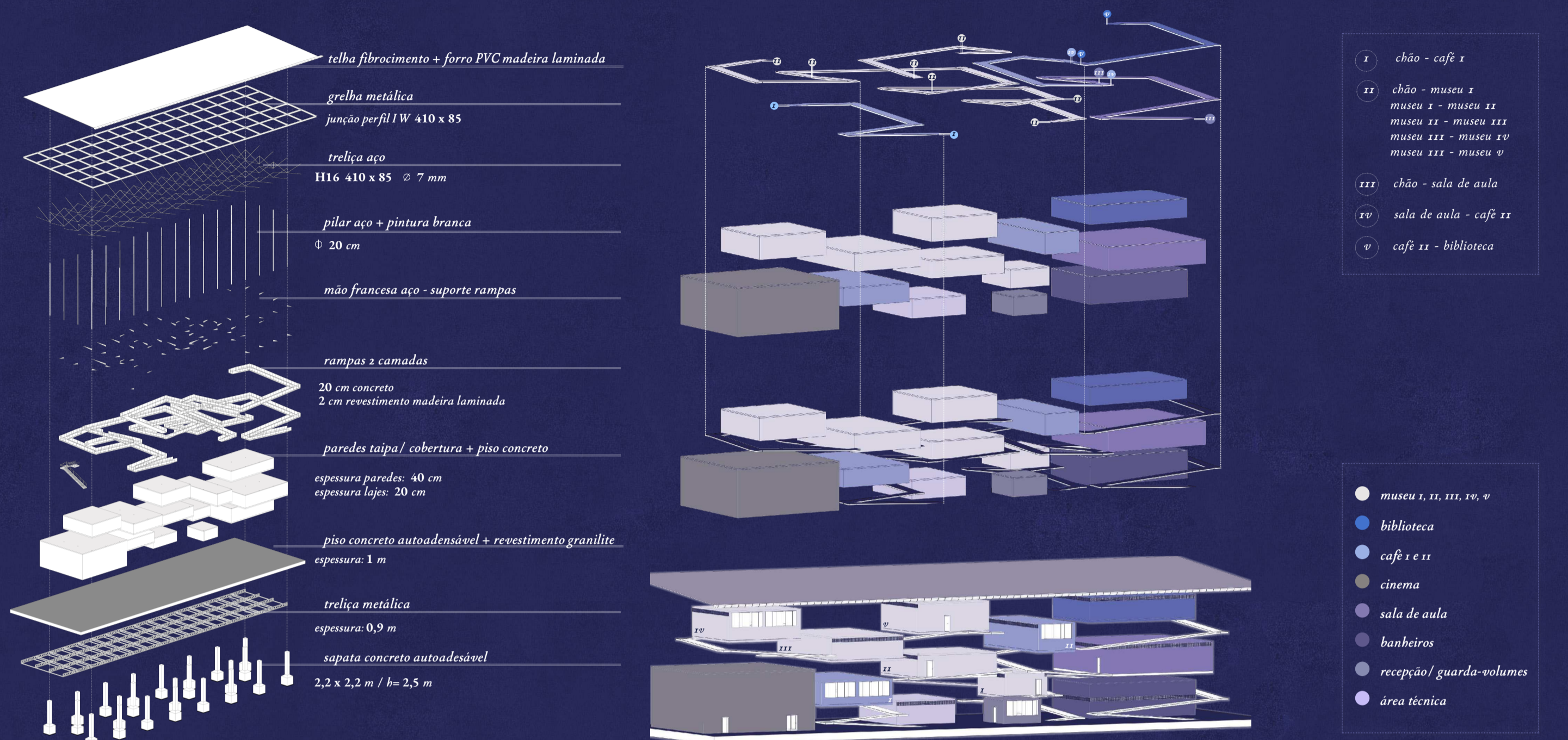


● **Museu** ● **passado**

No passado, logo antes da abertura das comportas da barragem de Itaparica, terras extensas foram enterradas junto com memórias, lares e cidades inteiras. Aludindo às terras que foram perdidas, os museus, por sua vez, seriam construídos com a própria terra disponível na região - através do método construtivo vernacular denominado de taipa de pilão, que emprega a terra como matéria-prima. Os mesmos estariam localizados próximos às cidades novas, para que a população hoje, nesse momento, pudesse ter acesso a sua história e suas raízes.

O projeto busca reiterar e recuperar, simbolicamente, o significado da terra para a população, desenterrando-a do solo, descobrindo-a, deixando-a à mostra: suspensa - de forma a desenterrar também, quem sabe, memórias.

Os museus seriam conformados, assim, por blocos de taipa empilhados e associados entre si. Tais blocos fariam uma analogia aos edifícios das cidades antigas que, quando refletidos na água, remetariam à sobrevivência, à presença das cidades alagadas, no fundo do Velho Chico.



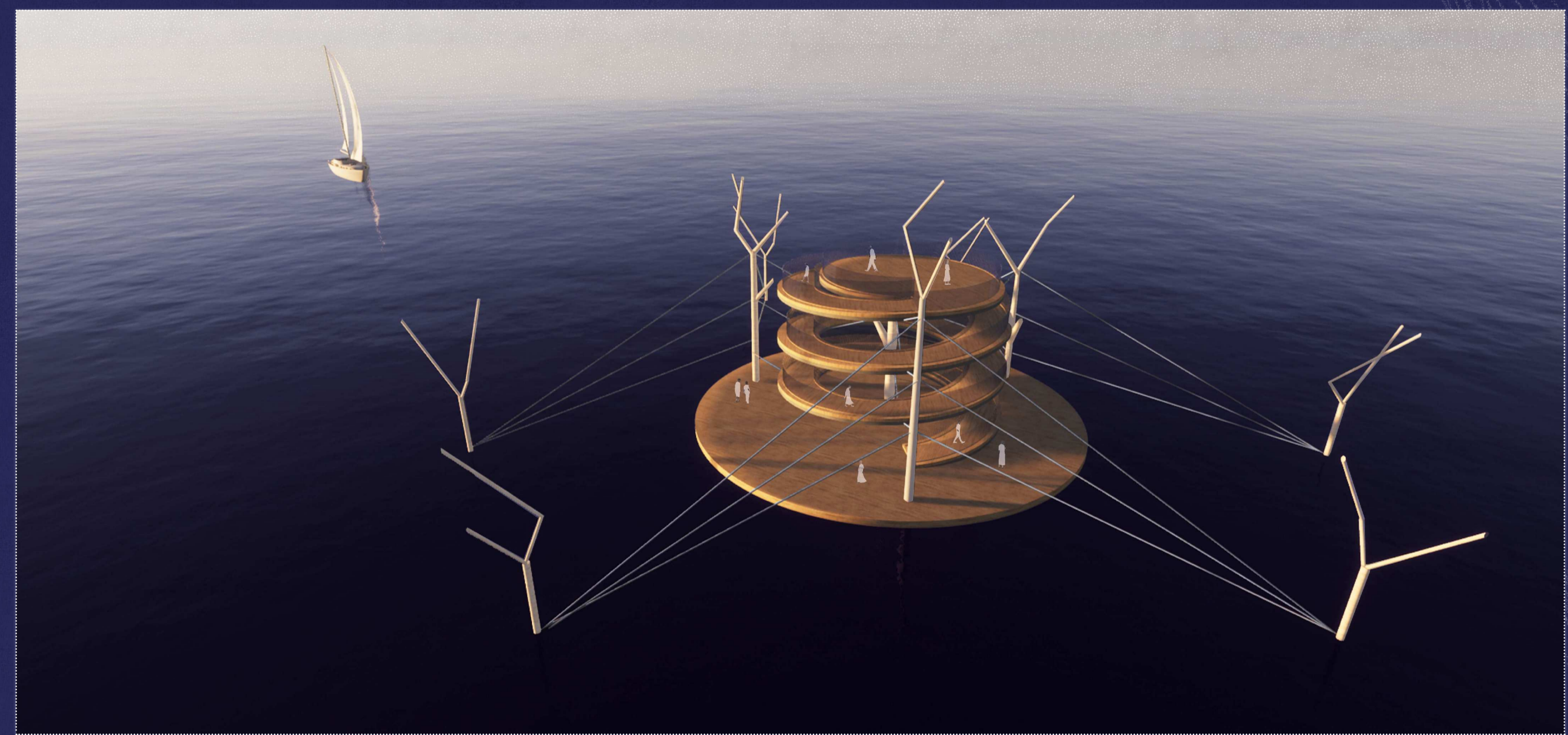
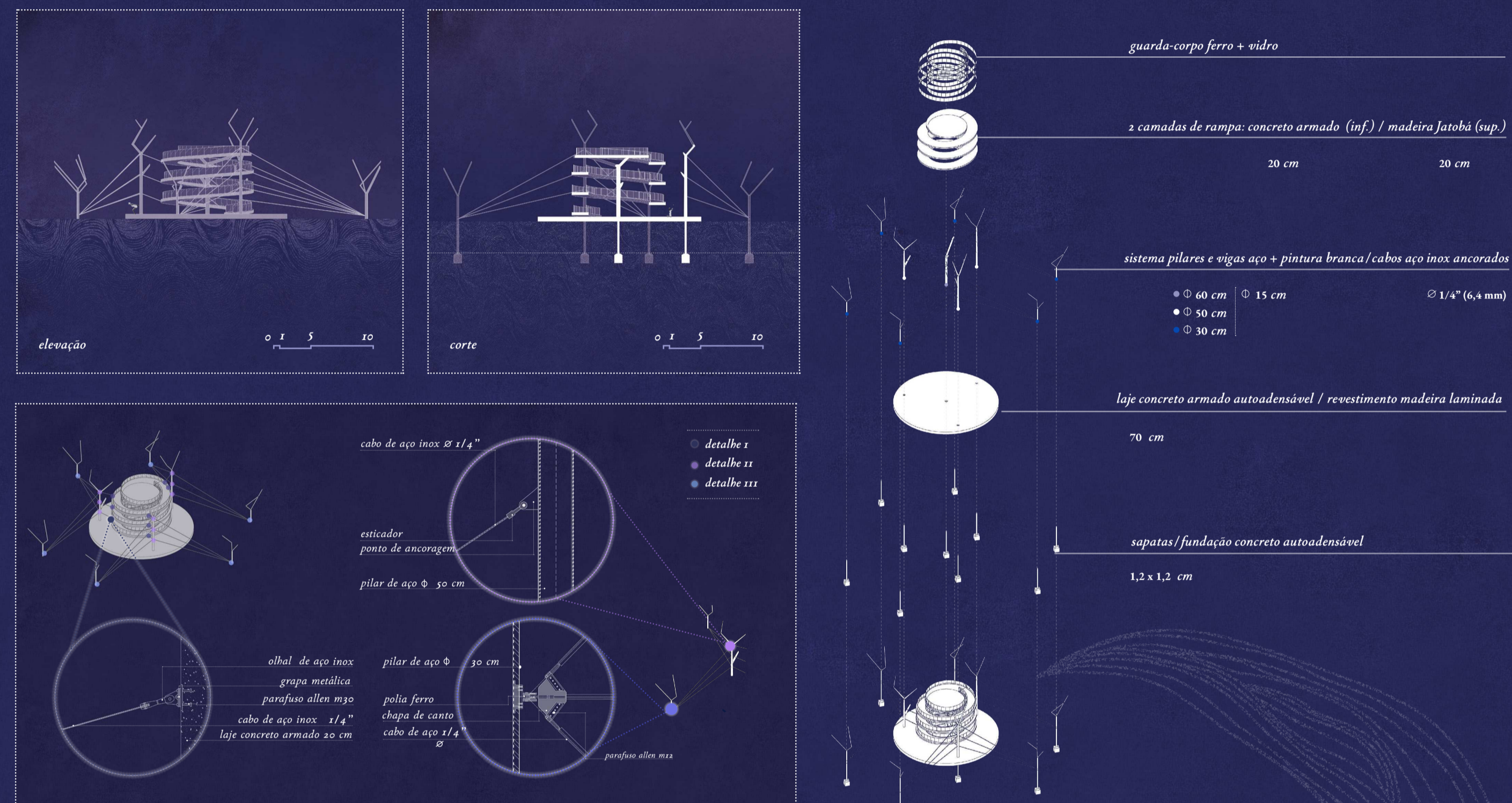
● **Mirante** ● presente

Conseqüentemente, o desenrolar atual deve ser uma repetição (Wiederholung), como o é aquele que o engendrou e aquele que dele nascerá, e assim sucessivamente, em direção ao futuro - como em direção ao passado! Tudo já aconteceu inúmeras vezes no sentido em que a situação geral de todas as forças retorna (Wiederkehr) sempre. (NIETZSCHE, p. 598, 2001)

Partindo do pressuposto de que o tempo é infinito e a força, finita (comportando-se, assim, de forma infundavelmente idêntica e permanentemente ativa) (ALMEIDA, 2003), pode-se supor que toda sucessão ou arranjo possível já ocorreu, ao menos uma vez, até o instante presente. Dentro desse raciocínio, o que existe é um tipo de repetição. A fim de repensar as barreiras existentes entre o passado, o presente e o futuro - é possível vislumbrar o caráter cíclico, constante e infindo do tempo. Dentro dessa perspectiva não-linear e circular que o tempo presente pode imprimir, foram idealizados os mirantes. A sua composição espiralada foi inspirada na forma de um solenoide. Quando um solenoide é submetido a uma corrente elétrica, ocorre a variação do fluxo do campo magnético do solenoide. Essa variação do fluxo magnético é responsável pela produção de uma corrente elétrica induzida que é capaz, por sua vez, de acender uma lâmpada; exemplificando, assim, o procedimento de indução de corrente elétrica (no caso, a partir da criação de uma corrente elétrica alternada). A indução é o sistema por trás do funcionamento de geradores e motores como, por exemplo, o gerador da usina hidroelétrica de Itaparica.

Representando esteticamente um dos fundamentos para a geração de energia no mundo contemporâneo, o projeto seria sustentado, metaforicamente, por dois elementos principais: as árvores (sendo suas extremidades recorrentes na bacia de Itaparica, visto que são as árvores de outrora que, hoje, encontram-se parcialmente alagadas) e os cabos (muito prevalentes na paisagem que é circundada por fios elétricos, aqui, remetendo à e simbolizando a electricidade memorial - capaz de manter de pé as "árvores genealógicas" da população, assim como fortificar as suas raízes). Os mirantes, assim, convidam a população a ascender pelo presente, por essa bobina metafórica capaz de acender memórias, sobrevivências e novas perspectivas. O projeto estaria localizado no ponto onde costumavam estar as antigas cidades, a fim de que o mesmo local possa ser visto e ressignificado afetivamente no presente - mesmo que imbuído da paisagem do passado.

NIETZSCHE, Friedrich W. A Gaia Ciência. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. ALMEIDA, Rogério Miranda de. Nietzsche e o eterno retorno. Revista Reflexão, Campinas, nos 83/84, p. 23-36, jan./dez., 2003.



● **Galeria** ● futuro

Ao romper com a "terra", o projeto das galerias sugere uma ressignificação do passado, a partir da criação de uma estufa flutuante e hidropônica. Toda água necessária para o cultivo agrícola na estrutura seria extraída do Rio São Francisco e toda energia crucial seria suprida através da energia solar, feito na "Jellyfish Barge" - referência projetual que será replicada nas galerias em questão. Foi idealizada, então, a construção de uma galeria "Jellyfish Barge" por cidade, instaladas ao lado dos museus - local em que seriam disponibilizados workshops e aulas promovidas pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar), a respeito do manejo hidropônico.

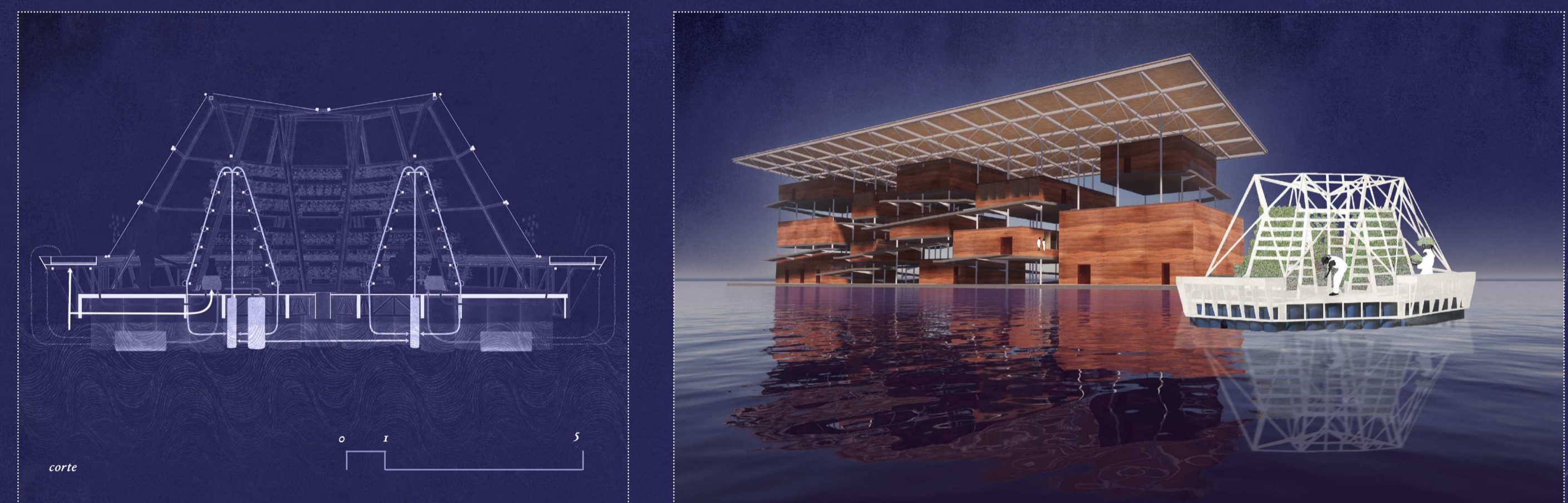
As galerias representam uma sugestão simbólica de que há saída: buscam exprimir a capacidade e necessidade do homem de se reinventar, em meio às adversidades. Ainda, de que é possível florescer, mesmo sem chão, ou sem "terra". Foi considerada, inicialmente, a importância da agricultura para as comunidades ribeirinhas analisadas e, a partir dessa premissa, foram buscadas alternativas que se adaptassem às características climáticas e geológicas da região, assim como a sua consequente vulnerabilidade em relação aos recursos hídricos. A extensão territorial do semiárido aqui abordada é caracterizada por seus baixos índices pluviométricos, intensa insolação, altas temperaturas durante todo ano, além de sua elevada taxa de evotranspiração. Contudo, a área estudada, também conhecida como "polígono das secas", concentrou diversas ações estatais que, (como foi mencionado) a partir da década de 70, proporcionaram a geração de energia e o desenvolvimento da agricultura irrigada na região, também conhecida, a partir de então, como mancha irrigada. Apesar de tais intervenções, como também da obra de transposição do Rio São Francisco (que visavam expandir a oferta hídrica na região do semiárido), a relação entre a disponibilidade e a demanda hídrica no nordeste brasileiro permanece sendo, até os dias atuais, uma problemática na região e pauta de estudos e discussões, os quais buscam alternativas de aproveitamento e de uso eficiente da água acessível. A hidroponia constitui um método de cultivo de plantas que emprega soluções de nutrientes e minerais na água, sem o uso da terra. No cultivo convencional, todos os nutrientes e minerais necessários para o crescimento da planta se encontram no solo. Na hidroponia, em contrapartida, esses elementos nutritivos são introduzidos na água (em quantidades predeterminadas para cada tipo de cultura) e atingem mais facilmente o metabolismo da planta.

Entre as vantagens da produção em sistema hidropônico, está o menor consumo de água e de insumos agrícolas. No sistema hidropônico, a água é reutilizada em um sistema cíclico e, ainda, tais sistemas são, habitualmente, instalados em locais protegidos, evitando grandes perdas de água por evaporação. No semiárido, o grande empecilho para os pequenos produtores e para a agricultura familiar na adoção da hidroponia é o elevado custo inicial dos equipamentos e, principalmente, a manutenção de um sistema hidropônico em atividade, visto que é necessário ter conhecimentos específicos quanto à solução nutritiva ou as necessidades hídricas e nutricionais das culturas. Dessa forma, o suporte técnico é fundamental para que seja possível um produtor investir na mudança de modelo de produção. Contudo, essa não é uma dificuldade intransponível. O Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar) já disponibiliza em algumas regiões do Brasil aulas para a instalação e manutenção de um sistema hidropônico, a fim de capacitar o pequeno e médio produtor. (FERNANDES, I.; NETO, O.; OLIVEIRA, A., 2018)

Por fim, visto que para promover a instalação do sistema hidropônico é necessário um financiamento e investimento iniciais consideráveis, tais equipamentos surgem, então, como símbolos e amostras - elementos potencializadores de aproximação e conhecimento da população de tal método e sistema.

As galerias flutuantes, então, pairam e vagam sobre o Velho Chico, sugerindo o acaso e a qualidade errante e adaptativa do futuro. Não resguardam em si mesmas a pretensão de se desenvolverem como uma solução futura para aquelas comunidades mas, antes, representam uma atividade alternativa e possível para um porvir, considerando os diversos aspectos que definem a região.

FERNANDES, I.; NETO, O.; OLIVEIRA, A. A importância da hidroponia para o semiárido brasileiro. 2018.



● **Saveiro** ● sinapses

O saveiro, uma embarcação introduzida há mais de quatrocentos anos na paisagem marítima, possui um significativo patrimônio naval. Originário da Índia, especificamente da cidade portuária de Goa, foi trazido ao Brasil pelos portugueses. Ao longo dos séculos, desempenhou um papel crucial no transporte e abastecimento de mercadorias entre o interior e a capital, principalmente na região do Recôncavo Baiano e Salvador. A embarcação impulsionou o crescimento do Recôncavo Baiano nos primeiros séculos do Brasil, sendo fundamental para a expansão de portos e entrepostos, desencadeando o desenvolvimento da região. Com o avanço das estradas, o saveiro gradualmente cedeu espaço aos caminhões e perdeu sua relevância original. Além do transporte de carga, o saveiro foi amplamente utilizado na pesca, mas foi em grande parte substituído por barcos motorizados. Apesar de sua quase extinção, o saveiro foi crucial para a identidade econômica e cultural da Bahia. Com o objetivo de preservar os poucos saveiros restantes, foram necessários esforços de recuperação de estaleiros e revitalização da carpintaria naval, incluindo a produção de velas. Exemplificando essa abordagem está o saveiro Sombra de Lua, tombado em 2010 pelo IPHAN, que conserva os atributos originais da embarcação. O saveiro "Flor do Passe" (representado nas figuras abaixo) seria utilizado como um meio de transporte de pequeno porte, conectando os elementos do projeto. O projeto foi idealizado pelo arquiteto Lev Smarcevski no livro "Gramíneas A Alma do Saveiro" (1996) e propõe a utilização do saveiro adaptado para fins de lazer e turismo, visando resgatar a história da embarcação e explorar suas novas possibilidades de uso no presente e, quem sabe, no futuro.

